

O SÍNDICO E A PLACA

2.3.66

Rubem Braga

O SÍNDICO do edifício da rua Santo Amaro, nº 5, vai acabar entrando para a história da literatura brasileira. Chama-se Jorge Monteiro Silva, ou da Silva, e não tem, ao que se saiba, nenhuma obra publicada. Não é um escritor, é um síndico.

Há sujeitos que são síndicos por uma questão de boa-vontade, sujeitos desinteressados e cordiais que se dispõem a enfrentar mil tarefas e amolações pelo gosto de servir. Há outros que são síndicos porque isso os faz importantes, pelo gosto da autoridade que nunca tiveram ou deixaram de ter — nesta última condição os militares reformados e os professores aposentados. Afinal de contas, o síndico é um pequeno prefeito e chefe de polícia de sua cidadezinha vertical, eleito pela comunidade. Ele pode ser um administrador tolerante e liberal e pode ser um dêsotazinho a baixar atos institucionais junto à porta do elevador: fica proibido isso e mais aquilo!

O síndico Jorge Monteiro Silva, não sei a que categoria ele pertence. Fêz uma tolice: mandou retirar da parede externa do edifício uma placa lembrando que ali viveu durante alguns anos o escritor Mário de Andrade. A placa fôra posta ali há cinco anos, por iniciativa de um grupo de intelectuais, com aprovação do Conselho e do síndico da época. É um trabalho artístico, feito pelo escultor Bruno Giorgi. Alguma coisa que só poderia, portanto, valorizar o edifício, lembrando que ali viveu uma das maiores figuras da literatura brasileira de todos os tempos.

Por que o atual síndico fêz isso? Ele explicou em uma entrevista, cândidamente, que apenas cumpriu a convenção do condomínio, que proibe a afixação de placas na parede externa do edifício. É claro que a convenção previa apenas o caso de placas gênero «fulano — cirurgião dentista», «beltrano — médico de senhoras», «Sicraninha — Cartomante». Ou o síndico é demasiado tapado ou ele está apenas sofismando ao querer justificar a bobagem que fêz — uma dessas bobagens que a pessoa faz de bobagem mesmo, para mostrar que está fazendo alguma coisa...

Mário de Andrade já tem um busto em praça pública no Rio, iniciativa de seu grande amigo Murilo Miranda, que foi vereador — e que, por sinal, também viveu no 5 da rua Santo Amaro, e foi quem para lá levou Mário quando este veio morar uma temporada no Rio. Nunca estive no apartamento de Mário porque nunca fomos amigos — estive apenas uma vez, e acidentalmente, em sua famosa casa da rua Lopes Chaves, em São Paulo. Muitas vezes, entretanto, sentamos como amigos comuns à mesma mesa da Taberna da Glória. E é ali perto, mais ou menos no ponto em que a pista de quem vai para a Lapa se desgarrá da pista de quem vai para a Espianada, que está o busto de Mário, obra também de Bruno Giorgi. Ele merece a homenagem, pois fêz, sobre a vida carioca, algumas de suas crônicas mais saborosas, além dos versos em que lembra o Rio.

A palavra está agora com os condôminos do edifício da rua Santo Amaro: Esperemos que eles reponham a placa — e retirem o síndico...